

O QUE ACONTECE NO CÉREBRO DURANTE UMA

CRISE DE ENXAQUECA

Você pode salvar
este artigo no seu
computador e enviar
para amigos

POR DR. RICARDO A. TEIXEIRA

A enxaqueca, também conhecida como migrânea, é uma disfunção cerebral com reconhecido componente genético. Indivíduos que têm familiares com enxaqueca têm mais chance de apresentá-la, mas nem sempre. As crises de enxaqueca podem se iniciar já na infância, mas é mais freqüente entre os 25 e 55 anos, a fase de vida economicamente mais produtiva do indivíduo. A enxaqueca afeta cerca de 20% das mulheres e é três vezes menos comum entre os homens. A dor de cabeça costuma ser forte, unilateral, de caráter latejante, com piora às atividades rotineiras, freqüentemente associada a náuseas, intolerância à luz, som e odores. As crises habitualmente duram entre 4 e 72 horas.

A AURA. O conceito de AURA é o de um aviso, um sinal de que uma crise de enxaqueca está por começar, mas também pode ocorrer já na fase da dor de cabeça. Entre 15 e 30% das pessoas que sofrem de enxaqueca podem experimentar o fenômeno, habitualmente como sintomas visuais (pontos luminosos, flashes em zigue zague, falhas no campo visual), geralmente durando menos de uma hora. A AURA pode se apresentar como formigamento de um lado do corpo, dificuldade para falar e



raramente como perda de força de um lado do corpo. Algumas pessoas experimentam aura sem apresentar dor de cabeça.

Durante a AURA, o cérebro é acometido por uma breve onda de excitação seguida imediatamente de uma onda de depressão de sua atividade elétrica de forma mais sustentada. Esse componente elétrico é acompanhado de breve dilatação dos vasos seguido por constrição e conseqüente redução do fluxo sanguíneo. Esse fenômeno também é demonstrado em pessoas com enxaqueca que não experimentam sintomas da AURA. A dor inicia-se já na fase de redução do fluxo sanguíneo,

o que sugere que o fenômeno da dor não é resultado de uma simples dilatação dos vasos.

A DOR. Os órgãos do nosso corpo apresentam um sistema de dor que nos serve como um alarme. No caso do cérebro de uma pessoa que tem enxaqueca, essa tarefa é realizada pelo nervo trigêmeo em conjunto com os vasos sanguíneos cerebrais que são capazes de disparar o fenômeno de dor para nos proteger de situações indesejáveis. Essa é uma forma de entender a enxaqueca como um fenômeno de proteção do cérebro, avisando-nos que algo não está bem, semelhante ao papel da dor no peito alertando-nos que o coração está sofrendo.

Tanto os neurônios como os vasos cerebrais estão envolvidos como principais protagonistas da enxaqueca, e ainda há muito por se descobrir. O cérebro de uma pessoa com enxaqueca excita-se com mais facilidade que o normal diante de estímulos externos (ex: luminosidade) ou internos (ex: privação de sono). Sabemos que essa super-excitação cerebral predispõe o indivíduo com enxaqueca à liberação de componentes neuroquímicos que podem provocar a onda de depressão elétrica, redução do fluxo sanguíneo cerebral e ativação do trigêmeo, independente da presença da aura.

Com a ativação do trigêmeo dá-se uma cascata de eventos inflamatórios, especialmente

ao redor dos vasos da superfície cerebral, provocando dilatação dos mesmos e ativação das terminações nervosas, informações que o trigêmeo leva de volta para centros mais profundos do cérebro, que traduzem o fenômeno como DOR. Esses centros cerebrais profundos podem já estar participando do processo desde o início, especialmente na liberação dos componentes neuroquímicos que contribuem para a ativação do trigêmeo. Crises prolongadas têm mais chance de ativar centros profundos, e maior chance de desencadear outros fenômenos, tais como a ALODINIA, que é uma sensação de sensibilidade dolorosa ao toque do couro cabeludo, e mais raramente do tórax e braços. Além disso, a chance de sucesso das medicações para dor diminui com a ativação desses centros.

Também há evidências de que nervos do pescoço podem ser ativados durante a crise de enxaqueca, o que explica a freqüente ocorrência de dor na região da nuca.

Confira outros artigos acessando nosso site

www.icbneuro.com.br
